



Todos os anos, no Brasil, são conhecidos os resultados, por escola, do Exame Nacional do Ensino Médio. A divulgação é feita pelo Governo que organiza um ranking dos melhores e dos piores desempenhos de mais de quatro mil escolas. As privadas dominam os rankings

“Os rankings são muito antiquados e não devem ter lugar numa sociedade civilizada”

Uma boa educação é muito mais do que bons resultados nos exames. Cabe aos jornais mostrar isso mesmo, defende Gert Biesta. É fundamental investir na formação dos professores, diz

Entrevista

Bárbara Wong

● No livro *Good Education in an Age of Measurement*, o holandês Gert Biesta escreve sobre os rankings e defende que estes têm forçado à valorização daquilo que é mensurável na educação, quando “a primeira pergunta que se deve fazer é: se é possível medir ou avaliar o que é realmente importante?” Professor na Universidade de Stirling, no Reino Unido, onde co-dirige o Laboratório de Teoria Educacional, Biesta vai colaborar com o programa de doutoramento em Ciências da Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologias, da Universidade Nova de Lisboa e vai estar no campus do Monte da Caparica, no próximo dia 26, às 17h, numa conferência aberta ao público.

Concorda com a publicação dos rankings?

Não. Os rankings criam uma ideia de competitividade na educação e não estou convencido que essa seja necessária. A longo prazo, a colaboração, mais do que a competição, vai gerar melhores resultados. Aliás, a actual crise financeira revela claramente o que está mal nas nossas decisões económicas, que são tomadas só tendo em conta a competição. Mas o mais grave nos rankings é que são uma simplificação do que é uma boa escola ou do que é a educação. Portanto, a sua publicação prejudica o debate que as sociedades democráticas precisam fazer sobre os objectivos e os fins da educação. Em última instância são um prejuízo para a democracia em si mesma. Os resultados dos exames são importantes, mas são apenas uma parte da fotografia. **Há quem defenda a publicação dos rankings porque ao promoverem a competição entre escolas, podem ajudar a resolver questões como o insucesso e o abandono escolar. Concorda?** Não. Os rankings dão uma visão superficial e, muitas vezes, uma única perspectiva do que se passa nas escolas, são uma forma crua e inadequada para ter uma noção real. Não considero que a concorrência deva ter um lugar na maneira de pensar sobre o que é uma boa escola ou um bom sistema educativo. Se tiver, corre o risco de criar uma cultura de “identificar



e envergonhar” as escolas, o que não ajuda em nada a identificar, compreender e resolver os problemas. Os rankings são muito antiquados e, até um certo ponto, são uma maneira cruel de pensar sobre como podemos engajar-nos na mudança e melhoria da educação. Penso que os rankings não devem ter um lugar numa sociedade civilizada. **Quando há listas de alunos para entrar em determinadas escolas, podemos dizer que os rankings nos fazem olhar para o ensino como um produto de consumo?** A maioria das sociedades contemporâneas parece ter “necessidade” que exista desigualdade na distribuição da riqueza. Apesar de muitos políticos dizerem que estão preocupados com as desigualdades, poucos estão

dispostos a assumir o problema. Nas últimas décadas, a pesquisa tem mostrado que a escola pode fazer pouco para mudar as desigualdades. Em grande medida, a escola reproduz a desigualdade social e económica, é uma máquina que faz a triagem social – no Reino Unido, as escolas com financiamento privado educam os filhos das elites, que serão o futuro dessas mesmas elites. É difícil quebrar esse ciclo – que exige um pensamento radical e corajoso – e, com a actual crise financeira, com mais estudantes com qualificações elevadas e sem trabalho, as desigualdades sociais agudizam-se de outras maneiras, ou seja, o problema já não é ter um diploma, mas saber onde é que foi tirado – Oxford, Cambridge ou Wolverhampton? Precisamos ter melhores alternativas, pensar criativa e corajosamente sobre o que queremos da educação e da vida. **Os pais defendem a existência dos rankings porque lhes permite escolher a escola. Não acontece, muitas vezes, o inverso, serem as escolas a escolher os alunos?** Em vez de simplificar o conceito de uma boa escola, através dos rankings, os jornais deviam ajudar os pais e o público em geral a compreender que uma boa educação é uma questão demasiado complexa – são os exames, as questões de cidadania, os valores morais, a formação da pessoa, tudo isto deve ser tomado em conta.

A sua pergunta permite identificar um fenómeno preocupante: neste mercado da educação criado pelos rankings, não só os pais e os alunos têm estratégias, como as escolas também. Em muitos casos, a questão deixou de ser o que é que a escola pode fazer pelos alunos, para ser o que é que os alunos podem fazer pela escola – como é que podem contribuir para as suas estatísticas. O grande perigo das escolas escolherem os alunos é o daqueles que mais precisam de educação serem os que menos têm acesso a ela. Quando isso acontece, eu diria que as escolas desistiram da sua responsabilidade educacional.

Em Inglaterra, os rankings são publicados há mais anos do que em Portugal. Qual é a sua experiência?

A publicação das listas tem colocado os professores numa

situação muito difícil. Tenho encontrado muitos professores que se sentem numa posição difícil porque sabem o que é melhor para os seus alunos, mas são pressionados para se focarem só nos resultados dos exames. Professores comprometidos e criativos podem fazer um bom trabalho, à margem do sistema; outros, vítimas da pressão, fazem o que é mais fácil, em vez do que é mais necessário. Houve até um caso recente, no Reino Unido, de um director de uma escola que se suicidou por causa da pressão. A Irlanda do Norte é contra a publicação dos rankings porque querem uma sociedade democrática e coesa. É uma excepção corajosa e importante. **Os rankings têm o poder de influenciar políticas educativas, quer a nível nacional, como a nível de escola?** Infelizmente. Os rankings tornam a discussão simplista e dão a impressão que só interessa um pequeno número de factores – os resultados dos exames. E é aqui que reside o problema e o desafio que é ter uma discussão mais alargada e mais bem informada entre os decisores políticos e os responsáveis das escolas. Os políticos gostam de respostas simples e soluções fáceis, mas na educação isso raramente existe. **Diz que os políticos reagem de modo nervoso aos estudos que medem os resultados e, por isso, as medidas que tomam é de introdução de reformas para melhorar esses resultados. Isso é condenável?**

Claro que os políticos devem preocupar-se com a qualidade da educação, mas o problema é o nervoso da resposta, quando conhecem os resultados dos exames. Parece que perdem a perspectiva e a confiança nas práticas educacionais e nas tradições dos seus países, e querem fazer mudanças radicais. O que esquecem, logo em primeiro lugar, é a validade dos rankings; e em segundo é que as melhorias na educação são feitas com projectos a longo prazo e os resultados não são imediatos. No caso da Finlândia [com os melhores resultados nos estudos da OCDE], costumam dizer: invistam na formação dos professores por um prazo de 100 anos e então terão melhores sistemas de ensino. Ou seja, não há respostas rápidas.

“

Em muitos casos, a questão deixou de ser o que é que a escola pode fazer pelos alunos, para ser o que é que os alunos podem fazer pela escola

Gert Biesta, Professor no Reino Unido

”